

Crise Pedagógica

Por mais penosa que seja, a crise que varre as economias asiáticas e emergentes é terapêutica e pedagógica. O mundo que emergirá da batalha entre capital volátil e moedas de valor fictício nunca mais será o mesmo. A interligação em tempo real do mercado globalizado inviabiliza o financiamento de déficits em conta corrente com capitais de curto prazo a juros baixos. A velocidade com que se deslocam montanhas de dólares entre mercados diferentes e a variedade de oportunidades de investimentos, em pontos diversos do planeta, trazidas pela globalização eletrônica, podem deixar um país perigosamente a descoberto de um momento para outro.

Países como o Brasil, a Tailândia, a Coréia, a Indonésia e outros que procrastinaram o dever de casa e não equilibraram suas contas, estão agora pagando preço muito alto para financiar seus déficits em conta corrente. A multiplicidade de oportunidades dos investidores internacionais elevou o custo desse financiamento.

Para segurar o capital de curto prazo que circula em seus mercados financeiros, foram obrigados a elevar os juros a patamares nunca imaginados. Ou, em boa parte deles, a promover desvalorizações bruscas do câmbio, cedendo ao apetite dos especuladores. Nos dois casos, o preço é salgado. Juros altos, a médio e longo prazos, induzem à recessão e ao desemprego. Desvalorizações de câmbio têm efeito temporário e aceleram a inflação. Como os problemas estruturais da economia

não foram resolvidos, os sintomas retornam, como um bumerangue.

Governos, políticos, economistas – e por via de consequência a sociedade em geral, que paga a conta – estão aprendendo a duras penas que a única defesa contra os ataques especulativos é a austeridade fiscal. Que o custo para cobrir a ineficiência, a improbidade e a inconseqüência fiscal é cada vez mais alto. É pago com aumento da dívida, recessão e desemprego. Nenhum país suporta isso por muito tempo, sob pena de desarranjo econômico geral e instabilidade política.

A pedagogia da crise, portanto, é boa para todos. Principalmente para o Brasil, onde a solução para os desequilíbrios vem sendo empurrada indefinidamente pelo Congresso por falta de visão política de longo prazo. A última prova disso foi o adiamento da reforma da Previdência, da quebra da estabilidade para o servidor público e do projeto canhestro sobre a aplicação dos recursos das privatizações dos estados no abatimento da dívida pública.

Enquanto o Brasil não fizer o dever de casa continuará vulnerável. Precisará manter juros nas alturas, aumentar imposto de renda, cortar incentivos fiscais, apertar crédito, cobrar CPMF. Se as reformas forem feitas e completadas sem subterfúgios, o remédio terá sido amargo para muitos, mas saneará o país em nome do bem de todos. Com contas equilibradas o Brasil poderá formar poupança e iniciar um novo e saudável ciclo de crescimento. A crise terá sido boa.